

MÚSICA ERUDITA NACIONALISTA

A Academia Brasileira de Música

Quando **VILLA-LOBOS** fundou a Academia Brasileira de Música, no dia 14 de julho de 1945, o seu modelo foi a Academia de França. Tratava-se de uma instituição honorífica que reuniria 40 personalidades dentre as mais notáveis do meio musical brasileiro. Desde então a Academia vem sofrendo modificações procurando se adaptar aos novos tempos.

As primeiras academias, no sentido formal, surgiram na Europa, no século XVI, como a Academia do Palácio (Paris, 1570) ou a Academia de Florença (1582). Eram associações de homens de letras, artes e ciências. De todas as instituições congêneres, uma das que alcançou maior notoriedade internacional e até hoje é uma espécie de paradigma para outras associações do mesmo tipo foi a **Academia Francesa**, fundada por RICHELIEU, em 1635. A sua contra-parte brasileira é a **Academia Brasileira de Letras**, fundada no Rio de Janeiro, em 1896, por iniciativa de LÚCIO DE MENDONÇA, e que teve MACHADO DE ASSIS como seu primeiro presidente.

Villa-Lobos, em 1945, pretendia reunir os nomes mais ilustres de nossa música em prol da cultura e da educação musical do país. O grande compositor carioca, primeiro presidente da Academia, deixou, em testamento, metade de seus direitos autorais para serem aplicados pela instituição na difusão de sua obra, dos demais acadêmicos e da música brasileira em geral. Dois anos depois da fundação, o Decreto Federal 23.160 de 06 de junho de 1947 considerou a Academia um órgão técnico-consultivo do governo federal.

Além de seu cunho honorífico, a finalidade da casa de Villa-Lobos é se constituir em um espaço espiritual do músico brasileiro. Lá, todos os músicos, confrades formais ou não, estão unidos em prol do mesmo ideal: a preservação da memória musical brasileira, o incentivo do artista nacional e a abertura de novos horizontes para gerações futuras. Que as musas continuem inspirando os acadêmicos para alcançarem estes objetivos.

A academia tende a retratar a elite da música erudita brasileira; desde seus primórdios já passaram pela Academia mais de 100 acadêmicos, entre ELES RADAMÉS GNATTALI, MARTIN BRAUNWIESER, JOSÉ SIQUEIRA, LORENZO FERNÁNDEZ, CLÁUDIO SANTORO, LUIZ HEITOR CORRÊA DE AZEVEDO, CAMARGO GUARNIERI, FRANCISCO MIGNONE, GUERRA-PEIXE, RENATO ALMEIDA, CLEOFÉ PERSON DE MATTOS, MARIO TAVARES e JOSÉ MARIA NEVES, para citar apenas alguns entre os já falecidos. Dentre os membros intérpretes figuraram nomes como os de GUIOMAR NOVAES, MAGDALENA TAGLIAFERRO, ANTONIETA RUDGE, ARNALDO ESTRELLA, MAGDALENA LÉBEIS, PAULINA D'AMBRÓSIO, IBERÊ GOMES GROSSO, EUGEN SZENKAR e ALICE RIBEIRO.

Na época em que foi fundada, principalmente, a Academia teve entre seus membros os compositores eruditos mais renomados da época, todos eles seguidores da linha nacionalista desenvolvida principalmente por Villa-Lobos a partir do início do séc. XX:

Camargo Guarnieri

Mozart Camargo Guarnieri, ou simplesmente CAMARGO GUARNIERI (1907-1993) nasceu em São Paulo. O pai, Miguel Guarnieri, era barbeiro e músico, e tocava flauta. A mãe, Gécia Camargo, tocava piano.

Em 1923, Miguel Guarnieri decidiu mudar-se com a família para São Paulo a fim de proporcionar melhores condições de estudo da música ao filho. Sendo uma família de poucos recursos financeiros, Guarnieri trabalhou junto com o pai na barbearia e trabalhou como pianista. Até 1925 manteve vários empregos, tocando em cinemas, lojas de partitura e casas de baile da cidade. Estudou inicialmente com ERNANI BRAGA, depois como ANTÔNIO DE SÁ PEREIRA e com o maestro LAMBERTO BALDI, recém chegado da Itália.

Em 1928 foi apresentado a MÁRIO DE ANDRADE, a quem mostrou suas obras recém compostas *Canção Sertaneja* e *Dança Brasileira*. O escritor modernista tornou-se seu mestre intelectual. Guarnieri passou a freqüentar a casa de Mário de Andrade, com quem discutia estética, ouvia obras musicais e tomava livros emprestados. Tendo cursado até então apenas dois anos do curso primário, o contato com o escritor foi muito importante para a formação intelectual de Guarnieri. O contato entre ambos tornou-se uma grande amizade e também uma parceria artística. Muitas das canções escritas por Camargo Guarnieri foram sobre textos de Mário de Andrade, incluindo a ópera *Pedro Malazarte*. Exercendo atividade como crítico musical na imprensa, Mário de Andrade foi um dos principais responsáveis pela aceitação e pela divulgação da obra de Camargo Guarnieri.



Em 1935 a prefeitura de São Paulo criou o Departamento de Cultura, cujo primeiro diretor, Mário de Andrade, convidou Guarnieri como regente do Coral Paulistano. O Coral Paulistano tinha também como objetivo fomentar o canto em língua nacional, e Camargo Guarnieri compôs para ele diversas obras corais. Foi também no Departamento de Cultura que Guarnieri passou a reger a Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo.

Em 1938 o compositor foi selecionado em concurso pela Comissão do Pensionato Artístico do Estado de São Paulo, recebendo uma bolsa de estudos de dois anos, renovável por mais um, para estudar em Paris. Na capital francesa teve aulas de contraponto, harmonia, orquestração e composição com CHARLES KOEHLIN, e de regência com FRANÇOIS RÜHLMANN. Além das aulas, realizou concertos, a travou conhecimento com NÁDIA BOULANGER, figura central da chamada escola neo-clássica. A temporada parisiense foi abortada prematuramente por causa de vários fatores, entre eles a instabilidade financeira sofrida pelo compositor, e também a eclosão da guerra e a iminência da ocupação alemã.

Em retorno a São Paulo, em 1939, Guarnieri manteve-se de forma incerta, terminando por ocupar outras funções no Departamento de Cultura, visto que seu cargo de regente tivesse sido ocupado quando de sua ausência. Outros intelectuais passam apoiar e divulgar a música de Guarnieri, especialmente Luiz Heitor. Em 1942, por influência direta de Luiz Heitor, que trabalhava como representante brasileiro na instituição, Guarnieri é convidado a visitar os EUA como bolsista da União Panamericana. Na ocasião Guarnieri realizou importantes contatos e promoveu sua música em concertos. A partir de então, passaria a contar com espaço constante no meio musical norte-americano, onde sua música foi muitas vezes executada em concerto, editada em partitura e gravada em disco. Em 1944, recebeu vários prêmios nos Estados Unidos que lhe conferiram notoriedade. Classificou-se em segundo lugar em um concurso realizado em Detroit para eleger a "Sinfonia das Américas".

Em 1950, Camargo Guarnieri publica a *Carta Aberta aos Músicos e Críticos do Brasil*, na qual condena a técnica dodecafônica de composição. A carta faz referências veladas a HANS-JOACHIM KOELLREUTTER, líder do grupo Música Viva.

Após a publicação da polêmica *Carta Aberta*, Guarnieri já se torna uma referência cultural importante. O documento marca a passagem de Guarnieri da fase de compositor jovem, que se afirma junto com o modernismo, para nome de referência na cultura musical brasileira, ao lado de VILLA-LOBOS e FRANCISCO MIGNONE.

A década de 1950 também marca o início do que vai ficar conhecido como Escola Paulista - com Camargo Guarnieri tornando-se um dos principais professores de composição no país. Entre seus alunos destacaram-se os nomes de OSVALDO LACERDA, LINA PIRES DE CAMPOS, MARLOS NOBRE, ALMEIDA PRADO.

Entre janeiro de 1956 e janeiro de 1961 o compositor exerceu o cargo de Assessor Artístico-Musical do Ministério da Educação, durante a gestão de Clóvis Salgado, no governo de Juscelino Kubitschek. Em 1975 assumiu a direção da recém-criada Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo, OSUSP, cargo que exerceu até o fim da vida.

A obra musical de Camargo Guarnieri é formada por mais de 700 obras e é provavelmente o segundo compositor brasileiro mais executado no mundo, superado apenas por Villa-Lobos. Pouco antes de sua morte recebeu o prêmio "Gabriela Mistral", sob o título de "maior compositor das Américas".

Lorenzo Fernandes

Nascido no Rio de Janeiro e filho de pais espanhóis, ainda rapaz começou a tocar nas festas dançantes do Centro Galego. Aos dezoito anos compôs a ópera *Rainha Moura*.

Em 1917 ingressou no Instituto Nacional de Música, onde iniciou os estudos de teoria, harmonia, contraponto e fuga com os professores FRANCISCO BRAGA, HENRIQUE OSWALD E FREDERICO NASCIMENTO, considerado seu mentor artístico. Em 1923, assumiu como a cadeira de Harmonia do Instituto. Em 1936 fundou o Conservatório Brasileiro de Música, o qual dirigiu até a sua morte, em 1948.

Compositor brasileiro da fase nacionalista, tem obra relativamente pequena caracterizada pelo apuro formal. Marcou época o *Trio Brasileiro*, de 1924, para piano, violino e violoncelo. Seu sucesso maior foi o do *Reisado do pastoreio*, suíte em três partes que contém o famoso *Batuque*. Outras obras importantes: *Malazarte* (ópera - 1941); *Valsa Suburbana*; *Suites Brasileiras*, para piano solo.



Francisco Mignone

FRANCISCO MIGNONE (1897 - 1986) nasceu em São Paulo, filho do flautista Alferio Mignone, que emigrou da Itália para o Brasil. No Conservatório Dramático e Musical de São Paulo formou-se em piano, flauta e composição.

Iniciou sua carreira na música popular, sob o pseudônimo de Chico Bororó. Era conhecido por tocar nas rodas de choro em bairros como o Brás, Bexiga e Barra Funda.

Em 1920, agraciado com uma bolsa de estudos concedida pelo Pensionato Artístico do Estado de São Paulo, foi estudar em Milão com VINCENZO FERRONI e lá escreveu sua primeira ópera, *O Contratador de Diamantes*. A primeira audição da Congada, uma peça orquestral dessa ópera, deu-se sob a batuta de RICHARD STRAUSS com a Orquestra Filarmônica de Viena, no Rio de Janeiro.

Em 1929, já de volta ao Brasil, iniciou um período de amizade e parceria com MÁRIO DE ANDRADE. Em colaboração com o escritor compôs algumas de suas principais obras como a suíte *Festa das Igrejas* e o bailado *Maracatu do Chico Rei*, além da *Sinfonia do Trabalho*.

Em 1934 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se tornou professor de regência no Instituto Nacional de Música. Deu início à sua fase nacionalista, que se estendeu até 1959, quando preferiu admitir o uso de qualquer processo de composição que lhe conferisse liberdade ao escrever a música. Foi casado com a concertista Marie Joséphine Bensoussan (nas artes, MARIA JOSEPHINA) de quem teve uma filha, Anete.

Sua obra musical inclui numerosas canções, obras para piano, óperas, um balé, obras de cunho nacionalista. Dentre elas, deve-se citar a belíssima *Valsa de Esquina n.º. 2*.



Radamés Gnattali

RADAMÉS GNATTALI (1906-1988) nasceu em Porto Alegre, onde estudou no Conservatório e na Escola Nacional de Música. Terminou o curso de piano em 1924 e fez concertos em várias capitais brasileiras, viajando também como violista do Quarteto Oswald.

Em 1939 substituiu Pixinguinha como arranjador da gravadora Victor, no rio de Janeiro. Durante trinta anos trabalhou como arranjador na Rádio Nacional. Foi o autor da parte orquestral de gravações célebres, como a gravação original de *Aquarela do Brasil* (ARY BARROSO).

Foi parceiro de TOM JOBIM. Foi contemporâneo de compositores como ERNESTO NAZARETH, CHIQUINHA GONZAGA, ANACLETO DE MEDEIROS E PIXINGUINHA. No seu círculo de amizades: TOM JOBIM, CARTOLA, HEITOR VILLA-LOBOS, PIXINGUINHA DONGA, JOÃO DA BAIANA, FRANCISCO MIGNONE, LORENZO FERNANDEZ e CAMARGO GUARNIERI. É autor do hino do Estado de Mato Grosso do Sul — a peça foi escolhida em concurso público nacional.

Em 1960 embarcou para Europa, apresentando-se num sexteto que incluía Acordeão, Guitarra, Bateria e Contrabaixo. Na década de 1970, Radamés foi teve influência na composição de choros, incentivando jovens instrumentistas como RAPHAEL RABELLO, JOEL NASCIMENTO E MAURICIO CARRILHO, e para a formação de grupos de choro como o Camerata Carioca. Também compôs obras importantes para o violão, orquestra, concertos para piano e violão e uma variedade de choros.

Em janeiro de 1983, recebeu o Prêmio Shell na categoria de música erudita; na ocasião, foi homenageado com um concerto no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, que contou com a participação da Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, do DUO ASSAD e da Camerata Carioca. Em maio do mesmo ano, numa série de eventos em homenagem a Pixinguinha, Radamés e Elizeth Cardoso apresentaram o recital *Uma Rosa para Pixinguinha* e, em parceria com a Camerata Carioca, gravou o disco *Vivaldi e Pixinguinha*.

Em 1988, em decorrência de problemas circulatórios, sofreu um derrame seu segundo, falecendo no dia 13 de fevereiro de 1988 na cidade do Rio de Janeiro.

